

Fidel: Brasil

Para ele, só uma firme decisão

dá cartas da dívida

obriga credores a se sentarem à mesa

ARMANDO S. ROLLEMBERG
Enviado Especial

Havana — “O Brasil, de certa maneira, tem a chave do estouro. Nenhum país terá mais peso na solução do problema da dívida externa do terceiro mundo. Se amanhã o Governo brasileiro decidir dar um passo à frente nenhum país do mundo terá maior peso. O Brasil, na minha opinião, tem a chave para abrir a porta dos trovões. Seu papel é decisivo”. Esta opinião foi expressa na madrugada de ontem pelo presidente do Conselho de Ministros de Cuba, Fidel Castro, em resposta à pergunta formulada pela delegação de jornalistas brasileiros que participam do 4º Congresso de Jornalistas Latino-Americanos.

Fidel, porém, fez questão de ressaltar que não estava ali exortando o Brasil a decretar a moratória de sua dívida. “Não quero que digam que estou interferindo indevidamente nos outros países. Eu defendo uma tese e a divulgo, mas cada país deve decidir o que considera melhor”, salientou ele, durante a longa entrevista que concedeu aos jornalistas latino-americanos. Para Fidel, não há outra alternativa para os países devedores do Terceiro Mundo senão o cancelamento da dívida. Ele defende que a responsabilidade do pagamento deve recair sobre os governos dos Estados credores, que utilizariam uma percentagem (12 por cento) do total de seus gastos militares para saldar os débitos com os bancos.

— Não estamos dizendo que não se paguem aos bancos. Estamos defendendo que o Estado credor fique com o encargo de saldar a dívida ante seus próprios bancos. Essa é a essência da minha proposta. Trata-se de uma simples operação contábil. Nenhuma fábrica será paralisada, nenhum navio vai se deter na sua rota, não vai ser preciso interromper um só contrato de compra e venda no mercado. Pelo contrário, o emprego, o comércio, a produção industrial, a produção agrícola serão impulsionados em todas as partes. Os únicos prejudicados serão as armas e os gastos militares, que não alimentam, nem vestem, nem calçam, nem educam, nem curam, nem dão moradia a ninguém. Esta fórmula não prejudica a ninguém e beneficia a todos — argumentou ele, com fina ironia.

nhavam nem perdiam um centavo”. Se naquela oportunidade formou-se um imenso cordão de solidariedade, imagine-se agora, quando está em causa uma “questão de vida ou morte”. Por este raciocínio, Fidel acha que o país que decreta a moratória terá o apoio integral dos países do terceiro mundo e do bloco socialista. Os países imperialistas, em sua opinião, ficariam isolados, sem condições de reagir à decisão soberana dos países devedores.

REATAMENTO

O presidente do Conselho de Ministros de Cuba também falou sobre a perspectiva de reatamento diplomático com o Brasil. Ele explicou aos jornalistas brasileiros que não há propriamente conversações oficiais pelo restabelecimento dos laços diplomáticos entre os dois países. O que há é que setores do Governo e o Parlamento brasileiro têm se expressado de forma otimista sobre esta possibilidade. “Nós queremos, nós desejamos reatar com o Brasil, mas não nos parece amistoso pressionar nesse sentido, porque entendemos o momento delicado que seu país atravessa. Nós compreendemos que a abertura democrática coloca o Brasil diante de uma série de tarefas complexas e imediatas. E que com a situação inusitada da morte do presidente eleito, o presidente Sarney enfrenta uma situação muito difícil. Nós temos sincero sentimento de simpatia ao processo democrático brasileiro e achamos que o fundamental agora é a consolidação desse processo”.

Para Fidel, o reatamento seria vantajoso para os dois lados. Ele reconheceu que o Brasil é mais desenvolvido que Cuba, “especialmente na indústria mecânica, nos equipamentos de transportes e nos equipamentos industriais”. Contou até que recentemente Cuba comprou do Brasil três “vacas mecânicas” para produzir leite de soja e elogiou a invenção, admitindo que ela pode vir a ser muito útil a muitos países do terceiro mundo que não têm criação de gado. Lembrou também que o Brasil, ao contrário de Cuba, exporta cereais, e observou que tanto um como outro desenvolveram bem a tecnologia açucareira. “Os brasileiros estão adiantados na tecnologia do álcool e nós estamos em outras áreas”, comentou ele, ao salientar as vantagens que o reatamento traria aos dois

Para ele, os países credores não vão sentar seriamente à mesa de negociações enquanto os países devedores não tomaram uma firme decisão. Uma indicação concreta desse descaso, segundo Fidel, foi a pouca importância que deram à proposta feita recentemente pelos países integrantes do Grupo de Contadora. “Eles, por enquanto, não querem conversa. Sequer respondem às cartinhas de amor”, pilheriu Fidel, ao defender uma “greve” dos países devedores. Ele também não teme as ameaças. “Há quem diga que ficaríamos sem insulina para tratar dos nossos diabéticos; que nossos barcos e aviões seriam confiscados. Isto não faz sentido. Mas já não falamos em invadir os nossos territórios”. E lembrou, a propósito, a Guerra das Malvinas, “onde os outros países do terceiro mundo não ga-

países.

Fidel salientou ainda que uma aproximação com Cuba poderia ampliar as relações do Brasil “com nossos amigos da África e da Ásia”, através do incremento de relações laterais e trilaterais. E observou, de passagem, que Cuba empresta médicos a 25 países diferentes, “sendo que só dois ou três nos pagam por isso. Os outros são a título de doação”.

— Mas me parece que o mais importante agora é a luta comum pelo estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional, que é t-a-o vital para os nossos países. O significado do reatamento cresce na medida em que formos aliados na luta contra a troca desigual, contra o protecionismo, contra o **dumping**, na luta decisiva pela solução dos problemas da dívida externa” — concluiu Fidel.